

M I L L E N A R I U M

A literatura apocalíptica enquanto género literário (300 a.C. - 200 d.C.)

*É um facto comprovado
que a literatura
apocalíptica
é um género
que aparece
em momentos de crise
em que
há necessidade
de dar resposta
a determinado tipo
de situações limite.*

Ana Valdez
Mestranda em História
e Cultura Pré-Clássica
na Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Objectivos

Ao longo dos últimos anos, com o aproximar da mudança de milénio e de século, notou-se o reaparecimento em força das correntes apocalípticas e milenaristas. Mas não nos podemos deixar envolver por essa onda, onde mormente se confundem os conceitos, de modo a que eles se tornem mais *apetecíveis*, por assim dizer, à maioria das pessoas.

É um facto comprovado pela maioria dos especialistas, tanto actuais como das últimas duas gerações, que a literatura apocalíptica, nas suas diversas acepções, é um género que aparece em momentos de crise em que há necessidade de dar resposta a determinado tipo de situações limite.

Apesar de nas últimas décadas termos assistido a uma crescente importância deste tema com o aparecimento sucessivo de livros e de artigos de estudiosos de nomeada, o facto é que ainda hoje nos deparamos com problemas ao nível da simples conceptualização, os quais não poderão ser resolvidos sem que passemos um pouco a *pente fino* os diversos conceitos inerentes ao tema.

Vamos, por isso, analisar conceitos como *apocalíptica*, *escatologia apocalíptica* e *apocalípticismo*. Depois, vamos contextualizar no tempo e no espaço o aparecimento desta corrente e os factores que motivaram o seu desenvolvimento. E só após percorrermos esse longo caminho, já com uma definição explícita do género literário, é que podemos passar à sua análise e à identificação dos diferentes tipos de apocalipse que marcaram a época em causa.

Evidentemente que não será possível não tocar em questões como a da origem do género e a da sua evolução

do contexto judaico para o cristão. Mas são temas que actualmente parecem menos controversos, visto que já não temos que escolher uma escola, mas preferimos um conjunto de vários factores.

Mesmo assim, e tendo em conta o actual estado da questão, não contemos com grande simplicidade, pois estamos perante conceitos bastante complicados de definir tanto pelo excesso de factores a ter em conta, como pelas ambiguidades que estão inclusas. Além disso, em português a maioria dos conceitos nem sequer tem tradução.

O que é um Apocalipse?

Parece uma pergunta bastante pertinente, especialmente tendo em conta o facto de os dicionários portugueses¹ não terem aquilo que possa ser tido como uma definição aceitável. Mais uma vez, ignora-se o género literário, mencionando-se apenas o livro do Novo Testamento e/ou uma situação catastrófica.

Felizmente podemos contar com obras como *The Anchor Bible Dictionary* e *The Encyclopedia of Apocalypticism* que nos oferecem uma introdução ao tema com artigos de fundo de grandes especialistas. Devo confessar que, neste momento, me parece que a bibliografia anglo-saxónica está um tanto à frente da francófona ou mesmo da germânica, mas isso não quer dizer que não tenham todas já produzido, e produzam, excelentes trabalhos de síntese, muitos dos quais são hoje encarados como os responsáveis por este surto apocalíptico que vivemos.

Títulos como *The Rediscovery of Apocalyptic* de K. Koch (1970), *The Dawn of Apocalyptic* de P. Hanson (1975) e *A Importância da Literatura Apocalíptica* de H. Rowley (1944), marcaram uma época ao reavivarem o interesse por um tema há muito esquecido e posto de parte pelos estudiosos bíblicos.

Iniciada então uma nova era nos estudos bíblico-teológicos, vamos assistir ao seu clímax em 1979 com o volume 14 da *Semeia* editado por J. J. Collins, e em 1998, também com edição deste autor, com *The Encyclopedia of Apocalypticism*, que não se limita ao âmbito judaico-cristão, mas vem até aos nossos dias, propondo assim uma imensa e muito importante síntese sobre esta temática. O maior e mais importante contributo desta equipa, e que está sobejamente espelhado no volume da *Semeia*, é mesmo a proposta de uma definição de *apocalipse*. Apesar de até poder ser criticada por alguns autores, o facto, é que é a definição mais consensual tanto pela sua abrangência como pela sua perspicácia.

Estamos então perante aquela definição que vai marcar os estudos que lhe são posteriores. A partir deste momento, há um elemento regularizador. Não será perfeito, evidentemente, mas talvez nos impeça de cair em erros grosseiros, ou mesmo de obtermos apenas uma visão parcial do fenómeno.

a) Apocalipse

Literalmente, esta palavra de origem grega, *Apokalypsis*, significa revelação. Mas tal como transcreve Collins da obra de Koch,

«However, it is commonly used in a more restricted sense, derived from the opening verse of the book of Revelation (*The Apocalypse of John*) in the NT, to refer to literary compositions which resemble the book of Revelation, i. e., secret divine disclosures about the end of the world and the heavenly state»².

¹Tomemos como exemplo o recente dicionário da Academia das Ciências.

²J. J. Collins, «Introduction: Towards the Morphology of a Genre», p. 1, in *Semeia*, 1979, vol. 14, edição www (consultada em Dezembro de 1999).

Tendo em conta o objectivo proposto, aquilo que nos interessa neste momento, é o conceito de apocalipse enquanto género literário. Mas para isso, vamos ter que definir género literário, o que de acordo com V. Aguiar e Silva,

«tem constituído, desde Platão até à actualidade, uma das questões mais controversas da teoria e da «praxis» da literatura, encontrando-se na origem imediata de algumas das mais ressonantes polémicas ocorridas nas literaturas europeias»³.

Para não nos perdermos nestas questões da Literatura, tomemos como suficiente que um género literário se reflecte num grupo de textos que contém um conjunto de características que os permite reunir por afinidade.

Sendo assim, resta-nos então enumerar as características que são comuns aos diversos textos considerados como apocalípticos. Ao longo dos tempos verificou-se também aqui uma evolução. Da síntese proposta por Koch⁴, que Collins critica por apenas se referir aos apocalipses históricos, chegamos à da equipa liderada por este último e que foi muito influenciada pelo trabalho de P. D. Hanson. Com base nos dados providenciados nestas obras pode-se dizer que normalmente um texto deste tipo contém uma revelação de Deus transmitida através de um mediador, quase sempre uma figura angélica, a um vidente humano onde é revelado o futuro. Não podemos esquecer a referência ao facto de que uma das novidades escatológicas da apocalíptica em relação ao fim do mundo é a existência de um julgamento dos mortos. Mesmo assim, tendo em conta a complexidade e a riqueza do género, ainda podemos subdividi-lo em duas categorias principais: a dos apocalipses que contém a narração de uma viagem ao outro mundo e os que a não têm.

Note-se, no entanto, que muitas destas obras fazem parte de outros géneros, isto é, há os que na íntegra são apocalípticos, como o *Apocalipse* do NT, e os outros, por exemplo *Daniel*, que apenas em um dado momento reúnem as características da apocalíptica. Isto quer dizer que este último tipo de texto é de tipo composto, ou seja, congrega vários géneros literários, o que se pode transformar numa grande dificuldade para quem os lê.

Normalmente, quando falamos de género apocalíptico temos em mente as obras do contexto da Palestina dos séculos IV a.C. a III d.C., o que reduz em muito a visão que se deve ter de um género literário que chegou aos nossos dias tendo acompanhado os mais diversos períodos da História.

Dos textos que nos interessam, e há muitos, são poucos os que começam com a palavra «Apocalipse», pelo que desde já se pode compreender o quão minimizante seria limitarmo-nos a esses textos. Ao invés, e como escreve Collins, *«what is at issue is whether a group of texts share a significant cluster of traits that distinguish them from other works»⁵.*

Dada a complexidade do fenómeno em presença, parece lógico neste momento introduzir os conceitos de escatologia apocalíptica e de apocalipticismo, etimologicamente já muito próximos do de apocalipse, como refere P. Hanson⁶.

Na realidade, é necessário algum discernimento por parte de quem estuda estas questões para conseguir compreender totalmente quando está em presença de um género, de uma ideologia ou de uma perspectiva. Só fazendo esta distinção é que será possível não cometermos erros graves.

³V. M. Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, 8.^a ed., Coimbra, Livraria Almedina, 1999, p. 339.

⁴J. J. Collins, *The Apocalyptic Imagination. an Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*, 2.^a ed., Grand Rapids/Cambridge, Eerdmans, 1998, p. 12.

⁵J. J. Collins, *The Apocalyptic Imagination*, p. 4.

⁶P. D. Hanson, «Apocalypses and Apocalypticism», in *The Anchor Bible Dictionary*, New York, Doubleday, 1992, vol. I, p. 279.

b) *Escatologia Apocalíptica*

A escatologia enquanto estudo do fim dos tempos é algo que esteve sempre presente na literatura da Antiguidade. É mesmo possível, em determinados momentos, darmos-nos conta da sua evolução.

Neste caso em concreto, aquilo que parece mais interessar aos especialistas é como se passou da escatologia profética para a apocalíptica. Seguindo Hanson, parece verosímil que estejamos perante um *continuum* e não perante dois fenómenos distintos. Trata-se, no fundo, de uma maneira de ao longo dos tempos se ir respondendo às necessidades das diversas populações.

Esta é uma das muitas razões por que diversos autores vêem na profecia a origem da apocalíptica, mas isso é uma outra questão, e fica para mais tarde.

O período cronológico em causa é de extrema instabilidade na região da Palestina. O que obriga os judeus a procurarem uma forma de escape, por assim dizer. Ou seja, com o desaparecimento da profecia enquanto instituição, é necessário encontrar um modo de a substituir que permita restaurar a esperança numa salvação futura.

À semelhança das épocas da profecia, também neste momento aquilo que estava em causa era a crença num plano divino onde as actuais más condições seriam solucionadas no momento do julgamento final. Só que agora, em vez de termos um anúncio profético dos planos de Deus para o mundo, vamos deparar-nos com uma revelação de tipo esotérico a um escolhido da visão cósmica da soberania de Iavé. Paralelamente, é necessário referir que os textos produzidos nunca reflectem o poder instituído, sendo o apelo à intervenção divina feito porque se acredita que o mundo está nas mãos do mal/caos.

Sintetizando⁷, por um lado temos uma visão histórica ao passo que do outro temos uma de tipo cósmico, isto é, das alterações que seriam feitas no plano deste mundo, passamos às que apenas serão possíveis no outro, ou seja, depois do julgamento dos mortos.

Um outro problema que devemos ter em linha de conta é o do tipo de escatologia que está presente nestes textos, especialmente, porque também aqui estamos perante uma multiplicidade de formas. A fórmula da retribuição depois da morte patente em Daniel não é a única forma escatológica que encontramos ao longo da literatura apocalíptica, o que levou mesmo alguns autores a questionarem o facto de existir ou não uma escatologia consistente. Paralelamente, alguns estudiosos notam que fora do contexto dos textos englobados no género apocalíptico, também há ocasiões onde podemos falar da presença de uma escatologia apocalíptica, como por exemplo nos Evangelhos e em Paulo.

Mas façamos como sugere Collins: «(...)although the label «apocalyptic eschatology» may be very helpful in pointing up the implications of some texts, we should always be aware that the adjective is used in an extended sense.»⁸

c) *Apocalipticismo*

Quando falamos de apocalipticismo, temos normalmente em mente as questões sociais que geraram o movimento. Isto é, trata-se de uma abordagem de carácter sociológico que nos leva ao encontro dos homens e dos ideais que estão por detrás destes textos. Estamos perante uma ideologia social que rege um grupo, isto é, perante um universo dirigido pelos princípios da escatologia apocalíptica.

Neste ponto, temos ainda que ter em linha de conta que nem todos produziram textos apocalípticos. Que estamos antes perante um universo simbólico que rege a sua actualização, ou seja, estamos frente a frente com um movimento histórico.

⁷Cf. P. D. Hanson, *The Dawn of Apocalyptic*, Philadelphia, Fortress Press, 1975, p. 8-12.

⁸J. J. Collins, *The Apocalyptic Imagination*, 1998, p. 12.

Apocalipticismo é, então, uma visão do mundo⁹ que tenta responder, especialmente, aos problemas/questões levantadas durante os períodos Helénico e Romano. Assim, torna-se muito complicado decidir se ele é anterior ou não ao género apocalíptico. Isto porque, e de acordo com a perspectiva de Hanson, historicamente esta visão é anterior, no entanto, para os actuais especialistas é posterior, visto ser entendida por analogia com o género. Sendo assim, o apocalipticismo não é apenas o universo, é o meio onde é possível conjugar a identidade apocalíptica e a sua interpretação da realidade, ou seja, algo bem mais complexo. É exactamente por causa desta última questão, que estes movimentos não precisam de ser comunitários, podendo ser de carácter individual.

Surgem diversos grupos, como por exemplo os Essénios, que parecem pertencer a movimentos deste tipo, o que não implica que toda a sua obra seja apocalíptica. Ao mesmo tempo, há também obras de carácter individual oriundas de universos não apocalípticos que se integram neste género. No fundo, estamos perante a difícil questão da definição baseada num conjunto fixo de componentes. Isto quer dizer que também aqui vamos lidar com afinidades, e que muitas vezes nos vamos confrontar com a falta de algumas das características essenciais, bem como, com a presença de outras, estranhas à primeira vista a este universo.

Caracterizando o género literário «apocalipse»

A partir deste momento, depois da sistematização conceptual parece então possível passar-se à caracterização deste género literário, cujo *corpus* teve por base as semelhanças com o texto do *Apocalipse de S. João*. De facto, historicamente tem origem no século I d.C., mas que no entanto, engloba tanto textos do NT como do AT.

Refira-se também que o título «Apocalipse» não volta a aparecer depois do século I d.C., o que não significa de todo o desaparecimento do género, bem pelo contrário.

Parece que a melhor definição deste género é a expressa por Collins e, que diz que um

*«apocalypse is a genre of revelatory literature with a narrative framework, in which a revelation is mediated by an otherworldly being to a human recipient, disclosing a transcendent reality which is both temporal, insofar as it envisages eschatological salvation, and spatial insofar as it involves another, supernatural world.»*¹⁰

Transcendência parece ser um bom termo para aplicarmos à literatura deste tipo, visto ela não poder ser caracterizada pelos factores presentes, mas sim pela forma como interagem. Além disso, o objecto refere-se sempre a um tempo para lá do nosso, diluindo-se deste modo o sentido do presente.

A linguagem simbólica é uma constante. Dado ser acessível apenas a um pequeno número de iniciados, ajuda a construir a imagem destes textos, ou seja, de algum modo limita a sua compreensão, o que os torna ainda mais especiais aos olhos de quem os lê.

Devido às inconstâncias da época em que estes autores vivem, tanto a nível social, como político, e mesmo religioso, nota-se o recurso à pseudo-epigrafia, o que se transforma na característica essencial para que o texto seja aceite entre a comunidade. Compreende-se assim que os textos mais conhecidos tenham como personagens principais Henoc, Daniel, Moisés, etc., todas elas de grande relevo no passado judaico.

⁹J. J. Collins, «From Prophecy to Apocalypticism: The Expectation of the End», in *The Encyclopedia of the Apocalypticism. The Origins of Apocalypticism in Judaism and Christianity*, ed. J. J. Collins, New York, Continuum, 2000, p. 157.

¹⁰J. J. Collins, *The Apocalyptic Imagination*, p. 5.

Ainda em relação a esta questão da pseudonímia é curioso notar que em alguns momentos se encontram no texto o escritor e o autor¹¹, o que leva a que se fale da existência de uma dualidade entre o presente e a visão em si própria. A certa altura o escritor estaria de facto a viver a sua visão, pelo que as *duas personagens* estavam presentes, se encontravam frente a frente.

A forma como as visões são transmitidas é de extrema importância. A literatura apocalíptica caracteriza-se, como refere a definição de Collins, pela existência de uma mediação de uma figura angélica entre o receptor e o emissor (Deus). É ela quem explica o conteúdo da visão à personagem histórica, e sem ela nunca se poderá chegar ao seu real significado.

Aliás, é necessário referir que as revelações podem ser dos mais variados tipos, como por exemplo visões, audições, viagens ao *outro mundo* e escritos. O que implica evidentemente uma escolha criteriosa por parte do escritor da personagem que desempenha o papel de vidente.

A distinção entre as temáticas temporais e cósmicas impõe-se, devido ao facto de estarmos perante dois universos diferentes.

Do nosso espaço, sublinhe-se a incidência em temas como os da protologia (teogonia, cosmogonia), da história (coleções de acontecimentos do passado, profecias *ex eventum*), salvação presente através do conhecimento, crise escatológica (perseguições ou sublevações), um julgamento/destruição escatológicos (pecadores/opressores, elementos naturais e seres do outro mundo), e uma salvação escatológica que passa por alterações cósmicas e pela ressurreição.

Do outro, topamos com referências aos seres que lhe são próprios, aos elementos que o constituem, bem como com descrições das suas regiões.

Normalmente, estes textos acabam com instruções específicas ao vidente, após o que se segue uma narrativa conclusiva, isto é, uma descrição do modo como o vidente volta ao seu mundo, o que pode passar pelo acordar ou pelo seu regresso à Terra.

É esta imensa diversidade de características que permite, de algum modo, a também grande variedade de textos existentes. Porém, é necessário lembrar que a falta de uma delas ou o aparecimento de uma nova não impede que se esteja perante um texto apocalíptico.

Que marcas trazem os apocalipses?

A primeira coisa a fazer é rejeitar na íntegra as posições que dão à apocalíptica uma origem bem definida. Na realidade, estamos perante um cadinho multifacetado de influências e não podemos de modo algum sobrevalorizar umas em desprestígio de outras.

Actualmente, ninguém ousa afirmar que a apocalíptica teve origem na sabedoria ou na profecia bíblicas, nos textos babilónicos, persas ou helénicos. No fundo, bem vistas as coisas, a apocalíptica é, como todos os outros géneros literários, um produto do seu tempo que corresponde àquilo que se esperava dele.

É, provavelmente, por causa desta polémica que Paul Hanson fala antes cuidadosamente de escatologia profética e de escatologia apocalíptica, em vez de dizer que uma deriva da outra. Talvez esta seja uma posição a ter em conta devido ao facto de não se interromper um ciclo, antes pelo contrário, isto é, de se manterem algumas das tradições anteriores, aplicando-as ao tempo presente do escritor. Parece até uma opção bastante plausível.

¹¹ Personagem histórica que dá voz à história.

A solução mais credível é talvez a da nossa ignorância, isto é, devido ao facto de não conseguirmos localizar os meios onde todos os textos foram escritos, não conseguimos deduzir uma matriz perfeita daquilo que seriam as suas bases. Contudo, os especialistas apontam para que eles derivem de várias tradições e épocas. Assim, não podemos contar com uma uniformização, tendo que recorrer ao estudo localizado para definir as influências presentes em cada um dos textos, ou seja, nunca teremos uma origem comum, vamos antes tropeçar com várias influências, como por exemplo mitos canaaníticos, profecias acádicas, dualismo persa e influências helenistas, além da literatura sapiencial e da profética.

Apesar da existência de toda esta polémica à volta das origens da apocalíptica, há que sublinhar que vamos assistir ao nascimento de um novo género literário que tem «(...) *its own coherence and should not be seen as a child or adaptation of something else.*», como refere Collins¹² a propósito da necessidade de ver na apocalíptica um género literário bem definido.

***D**e que meio social são originários?*

O espaço cronológico em causa (século III a.C ao IV d.C.) é por si só demasiado grande para que se possa falar numa origem social única. Na realidade, estamos novamente perante a diversidade, a qual só pode ser colmatada com estudos específicos para cada texto, o que neste momento não está contido nos objectivos desta exposição.

Assim, não podemos falar especificamente de um movimento ou de um grupo. É necessário que tenhamos em conta a diversidade, pluralizando assim esses termos.

Quando mencionamos movimentos, lembramo-nos de imediato de Qumran e de alguns agrupamentos dos primórdios do cristianismo. Ao mesmo tempo, pegarmos em Henoc significa aludirnos a uma continuação da tradição histórico-social por parte dos seus autores.

A tese de que esta literatura teria tido origem em pequenos grupos conventuais¹³ pode ser considerada em relação a Qumran ou mesmo a Henoc, mas na maioria dos casos, torna-se insuportável. Por outro lado, a ideia de que teriam sido escritos em momentos de aflição mantém-se válida, mas é necessário ter em conta a especificidade de cada texto.

A leitura destes textos oferece naturalmente alguns pormenores sobre o seu meio de origem. No seu conjunto, aquilo de que nos apercebemos é que estamos perante o resultado do trabalho de um grupo que, de algum modo, se sente e é excluído da sociedade da época. A influência destas pessoas no quotidiano político, económico, religioso e social é nula, o que pode de algum modo ser útil à compreensão destes textos.

Se bem que mentalmente afastadas do resto da sociedade, fisicamente estão inseridas na comunidade.

Um outro pormenor para que se chama a atenção é o facto de este género literário poder perfeitamente ser o resultado de uma aprendizagem escolarizada, e não o resultado de inspirações divinas. Na realidade, a inclusão de detalhes históricos sem erros e o recurso à pseudonímia permite confirmar esta teoria.

Tratar-se-á de uma literatura de reacção? Provavelmente, bem como de esperança com vista à sobrevivência da comunidade durante aquele período caótico.

¹²J. J. Collins, «From Prophecy to Apocalypticism. The Expectation of the End», p. 146.

¹³J. J. Collins, *The Apocalyptic Imagination*, p. 38.

¹⁴cf. J. J. Collins, «From Prophecy to Apocalypticism. The Expectation of the End», p. 129-161.

Mas para quê escrever um apocalipse?

Esta será provavelmente uma das perguntas mais pertinentes. De facto a questão põe-se-nos mal abordamos o tema.

Uma primeira resposta visaria a solução de problemas sociais, ou seja, num momento em que todas as crenças em Deus estariam abaladas pela sua visível inacção, seria possível construir toda uma teoria paralela de salvação. Para isso, recorrem à previsão do futuro, saindo deste mundo para um outro onde tudo seria repostado no seu devido lugar através de um julgamento dos mortos.

De algum modo, estamos perante visões do mundo de uma perspectiva onde há solução para os males que afligem a Humanidade¹⁴.

Paralelamente nota-se a inserção de máximas e ensinamentos de tipo moral, o que quer dizer que deveria estar a viver-se um momento em que as mesmas não eram praticadas, ou seja, havia necessidade de as lembrar.

As imensas descrições do fim do mundo e de como seria o outro mundo que aí vinha, talvez servissem para descansar em relação ao futuro uma população já muito descrente devido às condições adversas que enfrentava e à aparente inacção do seu Deus.

Em suma, a função social da apocalíptica parece ser o facto mais evidente, no entanto, todas as outras são passíveis de serem tidas em conta, especialmente no momento em que é a própria apocalíptica que abre todas as portas à imaginação.

Falando então da apocalíptica Judaico-Cristã...

A primeira coisa que ocorre dizer é que estamos, apesar de tudo, perante dois tipos distintos de apocalíptica. No fundo, um é a origem do outro, e ambos se desenvolvem de modo diferente.

Actualmente, a maioria dos autores confirma que, enquanto género, o judaico terá aparecido expressamente no período pós-exílico¹⁵, época em que todas as condições sócio-políticas parecem estar reunidas para provocar o aparecimento de um movimento deste tipo. Ao mesmo tempo, o facto de não disporem de autonomia política favorece o desenvolvimento rápido destes grupos reaccionários. É o que descreve André Paul ao afirmar: «*L'écriture apocalyptique apporte à la crise du Second Temple une réponse déterminante et en quelque sorte, à sa façon, globale.*»¹⁶ Ou seja, estamos perante uma literatura de revolta contra a dominação estrangeira, que serve para expor formas de actuação contra esse estado de coisas, ao mesmo tempo que enfatiza a existência de um juízo final e de um mundo para além do terreno onde impera a ordem de Deus. Ora, isto permite compreender então por que é que fariseus, essénios, zelotas, samaritanos e, mais tarde, cristãos, escreveram textos deste tipo.

Linguisticamente falando, também é necessário voltar a mencionar a diversidade, isto é, há textos em hebraico, em aramaico e em grego, a par de traduções para o siríaco, o etíope, o latim, o copta, o árabe, o arménio e várias línguas eslavas, que levaram estes livros às diversas comunidades religiosas espalhadas pelos diferentes quadrantes do mundo.

O falhanço da revolta do ano 70 não acabou de todo com a apocalíptica, bem pelo contrário. Na realidade, abriu-se a porta para que estes textos começassem a ser redigidos

¹⁵ Esta afirmação não exclui a hipótese de existirem textos apocalípticos anteriores.

¹⁶ A. Paul, «Apocalyptique et Apocryphe (Littératures)», in *Encyclopaedia Universalis*, Paris, Encyclopaedia Universalis Éditeur à Paris, 1993, vol. II, p. 654.

directamente pelos rabinos, passando a haver menção às temáticas do messianismo e da esperança escatológica.

Esta questão do messianismo vai ser um ponto fulcral para a distinção da apocalíptica judaica da cristã. Na realidade, para os cristãos o facto de o Messias já ter aparecido leva a que se dê novo ênfase ao presente, ao passo que os judaicos mantêm a pedra de toque no futuro. Ou seja, é o que diz Treballe ao referir que da esperança apocalíptica na restauração de Israel se passa a uma escatologia realizada¹⁷.

No entanto, apesar de todas as diferenças estilísticas ou temáticas que possam ser apontadas, os objectivos últimos da apocalíptica, isto é, a mensagem de esperança escatológica e a resposta a situações do presente, acabam por se manter inalterados até aos nossos dias seja qual for o contexto em que apareçam. Além disso, o Cristianismo concedeu um grande espaço ao seu desenvolvimento¹⁸, o que permite compreender a manutenção no tempo deste género literário¹⁹.

***D**a diversidade dos apocalipses*

Tendo em conta que estes textos foram produzidos em contextos histórico-culturais bem diversos, é fácil compreendermos que não estamos perante um género completamente estático, mas bem pelo contrário. Quer isto dizer que dentro do conjunto apocalíptico topamos com variações que nos permitem distingui-los e catalogá-los.

De facto, e apesar das inúmeras possibilidades para se realizar tal subdivisão, a mesma é feita com base no modo como a *revelação* é feita e qual o conteúdo escatológico presente.

Num primeiro momento interessa verificar se não têm (Tipo I) ou se têm (Tipo II) uma viagem ao *outro mundo*, ou seja, históricos ou cósmicos, seguindo-se depois uma série de outros critérios a ter em conta. Mas vejamos com atenção o quadro que se segue, porque as categorias são várias e a confusão pode instalar-se.

TIPO I

<i>Apocalipses sem viagem ao outro mundo</i>	<ul style="list-style-type: none"> a) Pormenores históricos, crise escatológica e escatologia política e/ou cósmica; b) Sem pormenores históricos mas com escatologia política e/ou cósmica; c) Apenas uma escatologia pessoal.
--	--

TIPO II

<i>Apocalipses com viagem ao outro mundo</i>	<ul style="list-style-type: none"> a) Pormenores históricos, crise escatológica e escatologia política e/ou cósmica; b) Sem pormenores históricos mas com escatologia política e/ou cósmica; c) Apenas uma escatologia pessoal.
--	--

¹⁷ J. Treballe Barrera, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, 2.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1999, p. 23.

¹⁸ *Ibidem*, p. 538-9.

¹⁹ É tão notória a manutenção no tempo do género apocalíptico que a *Encyclopedia of the Apocalypticism* traça o seu desenvolvimento desde os meios mesopotâmicos até aos nossos contemporâneos.

TIPO Ia - *Pormenores históricos, crise escatológica e escatologia política e/ou cósmica*

É provavelmente a subcategoria melhor reconhecida da apocalíptica. De tal forma que muitas vezes é usada como o paradigma por excelência da apocalíptica, o que pode ser extremamente perigoso e redutor.

Caracteriza-se por ter uma profecia *ex eventum*, uma identificação das idades ou períodos cronológicos, o que lhe dá o dito carácter histórico. Apesar de ser um grupo constante na história da apocalíptica, os cristãos demonstram um menor interesse pelo passado do que os judeus. Isto é perfeitamente visível no número de textos deste tipo que contamos em ambos os lados: 6 judaicos para 1 cristão.

Do contexto judaico refiram-se *Daniel 7-12*, o *Apocalipse dos Animais* e o *Apocalipse das Semanas* (pertencem ambos a 1 *Henoc*), *Jubileus 23*, *4 Esdras* e *2 Baruc*. As duas últimas obras revelam menor interesse pelo *outro mundo*, mas todas advêm da experiência histórica do povo judaico que usa o misticismo como forma de compreensão e de descoberta do seu destino. Em todas o julgamento final é público, sendo este considerado por vezes como a solução para a crise que dominava o seu quotidiano.

Do contexto cristão só podemos referir a *Escada de Jacob*, onde os elementos históricos aparecem sob a forma de uma previsão e onde há também uma periodização histórica. Além disso, a perseguição relatada é o motivo para o exílio.

TIPO Ib - *Sem pormenores históricos mas com escatologia política e/ou cósmica*

Parece que este grupo é exclusivo do universo cristão, caracterizando-se pela presença de uma escatologia de carácter público.

Consideram-se aqui cinco textos²⁰, dos quais dois aguardam por uma destruição e por uma renovação do Cosmos, e os restantes prevêem a destruição desse mesmo Cosmos, mas sem referir quais as transformações a ter em conta.

São, *O Apocalipse*, o *Apocalipse de Pedro*, o *Pastor de Hermas*, o *Apocalipse de S. João*, o *Teólogo* e o *Testamento do Senhor 1,1-14*.

TIPO Ic - *Apenas uma escatologia pessoal*

Não tendo nem uma viagem ao outro mundo nem detalhes históricos, a principal característica deste tipo é o facto de se estar em presença de um tipo de escatologia pessoal, isto é, não comunitária.

Também aqui só podemos contar com exemplos do contexto cristão. São cinco: *5 Esdras 2,42-48*, o *Testamento de Isaac 2-3a*, o *Testamento de Jacob 1-3a*, *Perguntas de Bartolomeu* e *O Livro da Ressurreição de Jesus Cristo por Bartolomeu*, o *Apóstolo 8b-14a*.

TIPO IIa - *Pormenores históricos, crise escatológica e escatologia política e/ou cósmica*

Pelo que retiramos da leitura de Collins²¹, parece que esta é uma subcategoria muito rara, que se caracteriza pela apresentação de alguns pormenores históricos no contexto de uma viagem ao outro mundo, a qual é a essência deste tipo.

Neste caso, o único exemplo de que dispomos vem do contexto judaico. É o chamado *Apocalipse de Abraão 15-32*, cuja primeira parte não é de todo apocalíptica, mas que fun-

²⁰ A. Y. Collins, «The Early Christian Apocalypses», in *Semeia*, 1979, vol. 14, edição www.

²¹ J. J. Collins, «Introduction: Towards the Morphology of a Genre», p. 9.

ciona como introdução. Note-se ainda que o cap. 29 parece ser um acrescento cristão, dado o facto de esta passagem bastante enigmática parecer referir-se a Cristo.

TIPO IIb - *Sem pormenores históricos mas com escatologia política e/ou cósmica*

Esta subdivisão é bastante comum em ambos os contextos, sendo que os judaicos com uma viagem ao *outro mundo* demonstram normalmente grande interesse em pormenores de tipo escatológico, tanto políticos como cósmicos, o que se verifica facilmente com base no facto de que todas as visões têm por objectivo a esperança num julgamento final.

No contexto judaico há que referir *1 Henoc* 1-36, *Parábolas de Henoc*, o *Livro das Luminárias Celestes*, *2 Henoc* e o *Testamento de Levi* 1-5.

No contexto cristão encontramos quatro obras onde se prevê a destruição do mundo e, numa delas, a destruição do Cosmos. São eles, a *Ascensão de Isaías* 6-11, o *Apocalipse de Paulo*, o *Apocalipse de Esdras* e o *Apocalipse/Visão da Virgem Maria*.

TIPO IIc - *Apenas uma escatologia pessoal*

A principal característica deste género é a ausência de questões relacionadas com a escatologia, tanto política como cósmica, a favor de um imenso interesse sobre a vida das próprias personagens depois da morte no novo mundo que é criado após o julgamento final.

Do ambiente judaico chegam-nos *3 Baruc*, o *Testamento de Abraão* 10-15 e o *Apocalipse de Sofonias*.

Paralelamente, do cristão, chegam-nos: o *Testamento de Isaac* 5-6; o *Testamento de Jacob* 5; a *História de Zózimo*; o *Apocalipse da Sagrada Mãe de Deus Relativamente aos Castigos*; o *Apocalipse de Tiago, o irmão do Senhor*; os *Mistérios de S. João, o apóstolo, e da Virgem Maria*; o *Livro da Ressurreição (Bartolomeu)* 17b-19b; e o *Apocalipse de Esdras*.

Para finalizar

Depois deste longo percurso através de conceitos e obras, torna-se impossível negar a existência de um género literário apocalíptico.

É necessário corroborar a sua importância ao longo dos tempos. Enquanto literatura de esperança, onde a imaginação joga a cartada decisiva, a apocalíptica é extremamente importante. Contudo, apesar de conter os princípios necessários a uma revolução, nunca apresenta um programa de acção bem definido. É o que Collins define como «*a revolution in the imagination*»²².

A apocalíptica é o espaço da imaginação e da esperança. Mas não é por isso que deve ser diminuída perante os demais géneros literários da época, até porque é nela que há espaço para a criação de um mundo pós-julgamento final que seria regido pelas leis de Deus, isto é, onde o bem vence o mal e o reino de Deus é reposto.

Apesar de ter nascido como uma forma de resposta às questões levantadas pelos períodos helénico e romano no espaço judaico-cristão, a apocalíptica é uma visão do mundo que pode surgir a qualquer momento e em qualquer sítio, bastando para isso que exista necessidade de dar resposta a uma situação de crise como as relatadas neste tipo de textos. Daí a necessidade do seu estudo e da sua compreensão.

²²J. J. Collins, *The Apocalyptic Imagination*, p. 283.

Bibliografia

- AGUIAR E SILVA, V. M., *Teoria da Literatura*, 8.^a ed., Coimbra, Livraria Almedina, 1999.
- «Apocalypses and Apocalypticism», in *The Anchor Bible Dictionary*, New York, Doubleday, 1992, vol. I, p. 279-292.
- ATHAS, G., «What is Apocalyptic Literature?», in <http://members.xoom.com/gathas/apocalyp.htm>.
- COLLINS, A. Y., «The Early Christian Apocalypses», in *Semeia*, 1979, vol. 14, edição www, consultada em Dezembro de 1999.
- COLLINS, J. J., «From Prophecy to Apocalypticism: The Expectation of the End», in *The Encyclopedia of the Apocalypticism. The Origins of Apocalypticism in Judaism and Christianity*, ed. J. J. Collins, New York, Continuum, 2000, p.129-161.
- — —, «Introduction: Towards the Morphology of a Genre», p. 9, in *Semeia*, 1979, vol. 14, edição www, consultada em Dezembro de 1999.
- — —, *The Apocalyptic Imagination. An Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*, 2.^a ed., Cambridge/Grand Rapids, Eerdmans, 1998.
- DENTON, D., *Apocalypticism and Jewish Resistance in the First Century*, <http://private.fuller.edu/~talarm/iss2/issea2.html>, 1997.
- HANSON, P. D., «Apocalypses and Apocalypticism», in *The Anchor Bible Dictionary*, New York, Doubleday, 1992, vol. I, p. 279-280.
- — —, *The Dawn of Apocalyptic*, Philadelphia, Fortress Press, 1975.
- História Universal dos Judeus. Da Génese ao Fim do Século XX*, dir. Élie Barnavie, Lisboa, Contexto Editora, 1992.
- JUST, FELIX, S.J., *Apocalypse: Definitions and Related Terms*, <http://clawww.lmu.edu/faculty/fjust/THST398Apoc.htm>.
- KOCH, K., *The Rediscovery of Apocalyptic*, Naperville, A. R. Allenson, 1972.
- PAUL, A., «Apocalyptique et Apocryphe (Littératures)», in *Encyclopaedia Universalis*, Paris, Encyclopaedia Universalis Éditeur à Paris, 1993, vol. II, p. 652-657.
- ROWLEY, H. H., *A Importância da Literatura Apocalíptica. Um Estudo da Literatura Apocalíptica Judaica e Cristã de Daniel ao Apocalipse*, São Paulo, Edições Paulinas, 1980.
- RUSSELL, D. S., *Divine Disclosure. An Introduction to Jewish Apocalyptic*, Minneapolis, Fortress Press, 1992.
- TREBOLLE BARRERA, J., *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, 2.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1999.
- WHITE, L. M., *Apocalyptic Literature in Judaism & Early Christianity*, <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/apocalypse>, 1999.
- WILSON, R., «From Prophecy to Apocalyptic. Reflections on the Shape of Israelite Religion», in *Semeia*, [s.l.], [s.d.], vol. 21, edição www, consultada em Dezembro de 1999.